

# História: Espaço Fecundo para Diálogos 2



Antonio Gasparetto Júnior  
Ana Paula Dutra Bôscarro  
(Organizadores)

# História: Espaço Fecundo para Diálogos 2



Antonio Gasparetto Júnior  
Ana Paula Dutra Bôscarro  
(Organizadores)

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Geraldo Alves

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá  
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

H673 História [recurso eletrônico] : espaço fecundo para diálogos 2 / Organizadores Antonio Gasparetto Júnior, Ana Paula Dutra Bôscar. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-81740-01-6

DOI 10.22533/at.ed.016201102

1. História – Filosofia. 2. História - Historiografia. 3. Historiadores.  
I. Gasparetto Júnior, Antonio. II. Bôscar, Ana Paula Dutra.

CDD 907.2

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

Atena Editora  
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

O campo da História é repleto de possibilidades ou, como sugere o título deste livro, um espaço fecundo para diálogos. Neste sentido, são possíveis análises cronológicas, quantitativas, qualitativas, biográficas, transnacionais e interdisciplinares que permeiam outras variáveis como econômicas, políticas, sociais, culturais e educacionais, por exemplo. Assim, o chamado para se refletir sobre a História é um chamado para se pensar a atuação do ser humano no planeta, em suas diferentes épocas, seus diferentes contextos e em suas diferentes abordagens.

A História, como ciência, é dotada de métodos que são empregados por seus pesquisadores e pesquisadoras para, a partir de questões que são colocadas, verificar suas teses em fontes pertinentes ao tema analisado. O que o leitor encontrará neste volume são textos que foram selecionados para composição do livro a partir de um eixo que prioriza a reflexão a respeito da Educação, da Religião e do Patrimônio. Os 30 capítulos são frutos de estudos que foram desenvolvidos por profissionais de diversas instituições do país.

Na primeira parte da obra estão reunidas análises históricas acerca da Educação. De modo que, internamente, esses textos permeiam debates em torno de questões étnicas na Educação, aspectos do ensino básico e do ensino universitário.

Na segunda parte da obra estão reunidas análises históricas situadas no campo das religiões. Assim sendo, os respectivos capítulos concentram análises que retomam aspectos religioso desde a Idade Média até os dias atuais, além de refletir sobre questões de gênero no campo religioso e trajetórias pessoais.

Por fim, a terceira parte do livro é composta por análises históricas no campo do Patrimônio. De tal forma abrangente que parte da antiguidade egípcia até a música contemporânea. Seus textos discutem outros temas como folclore, teatro e quilombos.

Em síntese, a obra *História: espaço fecundo para diálogos* é uma constatação ao leitor das inúmeras possibilidades das pesquisas históricas, apresentando resultados de investigações que são notadamente importantes para o conhecimento da sociedade. Ademais, é de suma importância a divulgação científica do trabalho do Historiador/Historiadora, que constrói pontes para uma sociedade mais justa e consciente.

Antonio Gasparetto Júnior  
Ana Paula Dutra Bôscaro

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
NEGRITUDE E MEMÓRIAS APAGADAS: O ENSINO DE HISTÓRIA E AS HISTÓRIAS NÃO CONTADAS DE UMA CIDADE MINEIRA (1976-2016)	
Maria Rita de Jesus Barbosa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0162011021</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
EDUCAÇÃO PARA RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: UMA PROPOSTA DE VISIBILIZAR A LEI 10.639/2003 E DECOLONIZAR O CURRÍCULO NO CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL MIGUEL ARCANJO, EM SÃO SEBASTIÃO – DISTRITO FEDERAL	
Técia Goulart de Souza Elison Antonio Paim	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0162011022</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>24</b>
ÓRFÃOS DO ELDORADO DE MILTON HATOUM: UMA PROPOSTA DE LEITURA PARA A HISTÓRIA E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENA NA AMAZÔNIA	
Arcângelo da Silva Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0162011023</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>37</b>
HISTÓRIA INDÍGENA NO ENSINO DE HISTÓRIA: HÁ LUGAR PARA TEMPORALIDADES OUTRAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA?	
Edith Adriana Oliveira do Nascimento	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0162011024</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>53</b>
PAULO BOURROUL E O ENSINO DAS CIÊNCIAS NA ESCOLA NORMAL DE SÃO PAULO NO FINAL DO SÉCULO XIX	
Matheus Luiz de Souza Céfalo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0162011025</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>69</b>
EDUCAÇÃO INFANTIL NA LEI FEDERAL Nº 10.639/03: INDIFERENÇA A SER SUPERADA	
Carla Santos Pinheiro Lauro de Freitas/Bahia	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0162011026</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>80</b>
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL POR MEIO DA ILUMINAÇÃO SEMAFÓRICA DE BELO HORIZONTE: “PROJETO CIDADE REVELADA - INTERPRETAÇÃO E SINALIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL”	
Ana Carolina Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0162011027</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>91</b>
PATRIMÔNIO CULTURAL E A HISTÓRIA LOCAL: UMA PESQUISA DO PROFHISTÓRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Antônia Lucivânia da Silva Paula Cristiane de Lyra Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0162011028</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>106</b>
CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA OS ANOS INICIAIS	
Carollina Carvalho Ramos de Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0162011029</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>118</b>
IMAGENS EM SALA DE AULA: O USO DE PINTURAS HISTÓRICAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Priscila Santos Calegari	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01620110210</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>131</b>
CONTESTADO EM SALA DE AULA: UMA EXPERIÊNCIA COM O 1º ANO DO ENSINO MÉDIO	
Gerson Luiz Buczenko	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01620110211</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>141</b>
ESCRAVIDÃO NEGRA NO BRASIL E INTERDISCIPLINARIDADE: UMA ANÁLISE DAS COLEÇÕES DE LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA E LÍNGUA PORTUGUESA	
Nádia Narcisa de Brito Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01620110212</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>154</b>
ARIANO SUASSUNA: A ESCRITA E A PRÁTICA DE UM PENSAMENTO EDUCACIONAL NO “BRASIL REAL”	
Aurea Maria Bezerra Machado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01620110213</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>165</b>
O (AUTO) BIOGRÁFICO NO PROCESSO FORMATIVO: DOCÊNCIA ORIENTADA NA DISCIPLINA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	
Fabiana Regina da Silva Cristiane Medianeira da Silva Reis	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01620110214</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>180</b>
A MISSÃO DAS UNIVERSIDADES: UMA ANÁLISE ARQUEOLÓGICA DAS PROPOSIÇÕES EDUCACIONAIS DE ARMANDO DE SALLES OLIVEIRA	
Alexandre de Britto Redondo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01620110215</b>	

<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>194</b>
UMA ANÁLISE DAS POLÍTICAS AFIRMATIVAS NAS UNIVERSIDADES FEDERAIS: COTAS PARA ESTUDANTES NEGROS	
Josefa Neves Rodrigues	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01620110216</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>208</b>
SANTO INOCÊNCIO MÁRTIR: UM SANTO ITALIANO DO SÉCULO III EM TOMAZINA PR	
Jonathas Wilson Michelin	
Angelita Marques Visalli	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01620110217</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>221</b>
A IGREJA E A FONTE DE NOSSA SENHORA D'AJUDA DE PORTO SEGURO (1551- 1761)	
Lucas de Almeida Semeão	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01620110218</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>233</b>
AS HAGIOGRAFIAS SEISCENTISTAS DE JOSÉ DE ANCHIETA: PROJETOS POLÍTICOS E IDENTIDADES RELIGIOSAS EM CONCORRÊNCIA	
Camila Corrêa e Silva de Freitas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01620110219</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>246</b>
O SOCIAL NA ARTE SACRA DE E. P. SIGAUD: O CASO DAS PINTURAS MURAIIS MODERNISTAS NA CATEDRAL DE JACAREZINHO	
Luciana de Fátima Marinho Evangelista	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01620110220</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>258</b>
A PIA UNIÃO DAS FILHAS DE MARIA NA DIOCESE DE MANAUS	
Elisângela Maciel	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01620110221</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>271</b>
O DESAFIO DE PESQUISAR O ACERVO DAS ORDENS RELIGIOSAS FEMININAS EM PORTUGAL	
Tatiane de Jesus Chates	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01620110222</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>284</b>
O DISCURSO PROTESTANTE PENTECOSTAL DA BÍBLIA DA MULHER ACERCA DA CONDIÇÃO FEMININA VERSUS O DISCURSO ORAL DAS FIEIS	
José Glauber Lemos Diniz	
Daniele Barbosa Bezerra	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01620110223</b>	

<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>298</b>
ARCEBISPO DA PARAÍBA DOM JOSÉ MARIA PIRES: RELIGIÃO E POLÍTICA ENTRE OS ANOS DE 1965-1985	
Naiara Ferraz Bandeira Alves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01620110224</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>308</b>
PERSPECTIVAS HISTÓRICAS ACERCA DOS DISCURSOS SOBRE A MA'AT N'AS LAMENTAÇÕES DE KHA-KHEPER-RÉ-SENEB	
Victor Braga Gurgel	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01620110225</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>321</b>
APONTAMENTOS PARA UM ESTUDO DA EMERGÊNCIA DO CONCEITO DE FOLCLORE NO PENSAMENTO SOCIAL BRASILEIRO O CASO DE SILVIO ROMERO	
Manoel Carlos Fonseca de Alencar	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01620110226</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>330</b>
NICOLAU ALEKHINE NO ARQUIVO IPHAN-SP: UMA ABORDAGEM ETNOGRÁFICA	
Rafael de Araújo Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01620110227</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>340</b>
COMPANHIA TEATRO MODERNO DE LISBOA (TML): ENGAJAMENTO, RESISTÊNCIA E CRIAÇÃO CULTURAL NOS ANOS 1960	
Kátia Rodrigues Paranhos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01620110228</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>351</b>
ACAMPAMENTO E CULTURA POLÍTICA: ESTUDO DE CASO DO ASSENTAMENTO ZUMBI DOS PALMARES – RJ (1997-2015)	
Elson dos Santos Gomes Junior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01620110229</b>	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>363</b>
O RAP INTERCULTURAL CONSTRUINDO UMA REPRESENTAÇÃO HÍBRIDA DA CIDADE DE MANAUS (1989 A 1999)	
Richardson Adriano de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01620110230</b>	
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES</b> .....	<b>376</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>377</b>

## ARIANO SUASSUNA: A ESCRITA E A PRÁTICA DE UM PENSAMENTO EDUCACIONAL NO “BRASIL REAL”

*Data de aceite: 27/01/2020*

*Data de submissão: 08/11/2019*

**Aurea Maria Bezerra Machado**

PROPED – UERJ

Rio de Janeiro – RJ

<http://lattes.cnpq.br/2091643328601441>

**RESUMO:** Este trabalho configura-se como uma reflexão sobre a contribuição de Ariano Suassuna, dramaturgo, romancista, ensaísta e professor universitário à educação brasileira, desenvolvida no espaço político-social que Machado de Assis chamava de “Brasil real”. Como professor, Suassuna usou a Literatura, a arte da palavra, a serviço da educação, sob o enfoque discursivo da cultura oral do sertão. Formado em Direito e Filosofia, lecionou por trinta e dois anos na Universidade Federal de Pernambuco, onde ensinou Estética e Teoria do Teatro, Literatura brasileira e História da Cultura brasileira, aplicando sempre a Literatura com as Ciências sociais. Mostrava aos seus discentes que, o conhecimento adquirido no universo literário podia ser uma grande aventura para a transformação da vida em sociedade. Foi ainda Secretário de Educação e Cultura de Recife e Secretário de Cultura no governo Miguel Arraes. Foi um dos maiores responsáveis pela difusão da cultura nordestina, unindo dois elementos

até então díspares: o erudito e a cultura popular, com o “Movimento Armorial”. Desenvolveu ainda o projeto “A Onça malhada, a Favela e o Arraial”, com o qual percorreu as periferias das cidades brasileiras e o sertão, redutos do povo simples do “Brasil real”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura; Docência; Resiliência.

### ARIANO SUASSUNA: WRITING AND PRACTICE OF EDUCATIONAL THINKING IN “REAL BRAZIL”

**ABSTRACT:** This work is configured as a reflection on the contribution of Ariano Suassuna, playwright, novelist, essayist and university professor to the Brazilian education, developed in the social-political space that Machado de Assis called “Real Brazil”. As a teacher, Suassuna used literature, the art of the word, in the service of education, under the discursive approach of the oral culture of the backlands. Graduated in Law and Philosophy, he taught for thirty-two years at the Federal University of Pernambuco, where he taught Aesthetics and Theater Theory, Brazilian Literature and History of Brazilian Culture, always applying Literature with the Social Sciences. He showed his students that the knowledge acquired in the literary universe could be a great adventure for the transformation of life into society. He

was also Secretary of Education and Culture of Recife and Secretary of Culture in the Miguel Arraes government. He was one of the main responsible for the diffusion of northeastern culture, joining two hitherto disparate elements: the scholar and the popular culture, with the “Armorial Movement”. He also developed the project “The Spotted Jaguar, the Favela and the Arraial”, with which he toured the peripheries of Brazilian cities and the hinterland, strongholds of the simple people of “Real Brazil”.

**KEYWORDS:** Literature; Teaching; Resilience.

## 1 | INTRODUÇÃO

**“Tenho duas armas para lutar contra o desespero, a tristeza e até a morte: o riso a cavalo e o galope do sonho. É com isso que enfrento essa dura e fascinante tarefa de viver.” (Ariano Suassuna)**

Ariano Suassuna teve sua vida particular, profissional, cultural e política pautada na interação do “Brasil oficial” e do “Brasil real”. Por quase um século, ele percebeu essa necessidade de mostrar um país ao outro. Assim, elaborou a sua literatura e docência, com o popular e o erudito sempre se imbricando e tendo o Movimento Armorial como a concretização dessa rede de sociabilidade. Um grande exemplo disso acabou sendo a interação da orquestra sinfônica com os cantadores, que foi na verdade uma iniciativa de oferecer ao povo a cultura erudita e mostrar ao erudito o valor do popular, desmistificando o discurso construído pela classe dominante de que aquilo que nasce do povo não tem qualidade. Como educador, era essa a percepção e intenção de Suassuna: formar cidadãos críticos, que valorizassem a sua cultura e a sua identidade.

O artista Ariano Suassuna conviveu com as diversas manifestações artísticas por toda a existência, mas apesar de ter escolhido em especial a Literatura, era múltiplo, em suas criações e por isso, conviveu e interagiu com tantas outras artes. Era um homem de letras, que se tornou professor e arauto da Cultura brasileira, sem aceitar a segregação das elites. Criticava a cultura oficial acadêmica do “Brasil oficial”, que afastava os mais pobres que representam o “Brasil real”. No Movimento Armorial, procurou fazer uma fusão desses dois países.

Ele entendia que a base da cultura erudita vinha das nossas tradições ibéricas, no decorrer dos séculos de história, reinterpretadas por negros, índios e mestiços, dando origem à cultura popular. E essa percepção viria a partir das leituras de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha e dos textos machadianos.

Para o professor Suassuna, o povo tinha que ter acesso à educação e à cultura porque o “Brasil real” merecia uma educação ideal. Educação que deveria ser levada aos sertões, às periferias, às favelas, como um projeto pautado na construção do conhecimento e da valorização da memória cultural e da identidade

da gente brasileira. Quem não entende isso, não entende o Brasil.

## 2 | UMA VIDA ENTRE DOIS “BRASIS”

Ariano Vilar Suassuna nasceu em 16 de junho de 1927, oitavo filho do então presidente da Paraíba, João Urbano Pessoa de Vasconcelos Suassuna e dona Rita de Cássia Dantas Vilar, que lhe deram o nome em homenagem a São Ariano do Egito. Em 1930, com a família residindo no Rio de Janeiro, seu pai, foi assassinado devido a questões políticas e a família mudou-se para o sobrado de Taperoá, no Sertão dos Cariris Velhos da Paraíba. Com muita luta e ajuda da família, principalmente do irmão Manuel Dantas Vilar, dona Ritinha criou os nove filhos, formando-os em cursos como medicina, direito, filosofia e pedagogia.

Eram tempos difíceis na política e na economia do Brasil, por conta dos conflitos do governo e da grande seca que castigava o Nordeste, na década de 1930. Suassuna cresceu vendo os retirantes fugindo da fome, passando pela porta da propriedade de sua família, em Taperoá. Logo, os irmãos mais velhos foram estudar no Recife e Ariano ficou no sertão, com a mãe e os outros familiares. Nessa fase de sua vida, vivenciou a cultura popular, tendo contato com as cantigas populares brasileiras e as canções ibéricas dos portugueses, que chegaram até ele nas cantorias e desafios de viola, conheceu o teatro de mamulengos e o encantamento do circo, que marcariam de maneira significativa toda a sua existência de literato e educador. Exemplo disso é o palhaço Gregório, astro do Circo Stringhini, que o escritor frequentou, quando menino e que mais tarde imortalizaria na figura do palhaço-narrador em *O Auto da Compadecida*. Para ele, os palhaços aumentavam a alegria do mundo. E Taperoá, aquela cidadezinha dos Cariris, onde ele fora apresentado às rodas de viola e às narrativas de cordel, seria no futuro o universo mítico onde ele se inspiraria para criar as suas personagens inesquecíveis.

Nascido e criado no Nordeste, o qual chamava de “O coração do Brasil”, Ariano Suassuna trouxe para as páginas de suas obras as influências culturais populares de sua infância em Taperoá e de sua mocidade, no Recife, que foram essenciais na formação do seu universo literário, por onde desfilaram personagens como João Grilo, Chicó, Cancão, Manuel Gaspar, Euricão, Joaquim Simão, Aderaldo Catação e Quaderna.

Na infância e adolescência, os livros foram os seus companheiros e tiveram grande influência na sua formação acadêmica. Suassuna não possuía apenas o hábito da leitura, mas a paixão por ela. Naquela época, os seus amigos inseparáveis eram os volumes herdados, da vasta biblioteca de seu pai, João Suassuna. Seus autores prediletos eram aqueles que o faziam rir. Ali iniciou os seus “estudos convencionais”, alfabetizado pela mãe, dona Ritinha.

Posteriormente, por ocasião dos exames do antigo curso de admissão ao ginásio, Ariano Suassuna mudou-se para Recife e frequentou o Colégio Interno Americano Batista e mais tarde, o Ginásio pernambucano. De formação calvinista e depois agnóstico, Suassuna converteu-se ao catolicismo e em 1947 escreveu a sua primeira peça, *Uma mulher vestida de sol*, baseada num romance do sertão. Em 1950, terminou a Faculdade de direito e até 1956, dedicou-se à advocacia e paralelamente ao teatro. Nesse período produziu *O castigo da soberba*(1953), *O rico avarento*(1954) e *O Auto da Compadecida*(1955), peça escrita com base em romances e histórias populares do Nordeste, que o consagrou por todo o país e que foi considerada por Sábato Magaldi, em 1962, como “o texto mais popular do Moderno Teatro brasileiro”. Foi encenada pela primeira vez no Recife, em 11 de setembro de 1956, no Teatro Santa Isabel. Com o dinheiro dos direitos autorais, ele comprou a casa da Rua do Chacon, no Poço da Panela, Recife, cuja fachada reformou, com os azulejos do grande amigo, o ceramista Francisco Brennand. Suassuna consagrou a casa à *Compadecida*, porque graças a ela pudera adquirir o imóvel e lá morou por toda a vida. O casarão ainda é a residência da família Suassuna e possui um acervo artístico incomensurável, com peças do escritor, de dona Zélia Suassuna, sua esposa, e de Manuel Dantas Suassuna, seu filho, ambos, artistas plásticos, bem como de outros familiares e amigos.

Em 1956, iniciou a sua carreira de professor (como mais gostava de ser chamado) na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), lecionando *Estética* e mais tarde, outras disciplinas, onde se aposentou em 1989, após 32 anos de docência e dedicação à educação brasileira. Mas o trabalho em prol dela e da cultura do nosso país continuaria, através dos seus projetos culturais.

Em 1971, publicou o seu *Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*, inspirado em um episódio ocorrido no Século XIX, no município de São José de Belmonte, a quatrocentos e setenta quilômetros de Recife, com uma seita sebastianista. Suassuna começou a escrevê-lo em 1958, mas levou mais de uma década para concluí-lo e publicá-lo. A obra foi adaptada como uma minissérie, pela Globo, em 2007, em homenagem aos oitenta anos do escritor.

Em 1976, conciliando a docência e o cargo de secretário de educação e cultura da Cidade de Recife, defendeu a tese que lhe deu o doutoramento em História, *A Onça castanha e a Ilha Brasil*, título que já nos remete à sua visão sobre a formação mestiça do povo brasileiro e de sua cultura, texto que seria a base para o seu projeto cultural “A Onça malhada, a Favela e o Arraial”, duas décadas mais tarde.

Em 1990, Ariano Suassuna passou a ocupar a cadeira de número 32 da Academia Brasileira de Letras e em 1993 tornou-se também membro da Academia pernambucana de Letras. Foi também secretário de cultura nos governos de Miguel Arraes(1995-1998) e de Eduardo Campos(2006-2009).Faleceu em Recife, no Real

Hospital Português, em 23 de julho de 2014, aos 87 anos.

Suassuna fez uso da história oral nordestina para criar as personagens de seus romances e peças. Neles, registra para provocar o riso os tipos oficiais do seu universo matricial, Taperoá, onde se desenrola a ação de quase todos os seus trabalhos. Ele dizia que toda cidade do sertão tem o seu bêbado, o doido, o mentiroso e o herege oficiais. Justificando-se, pela escolha do cômico, apesar da dura realidade do sertão, cita Molière: “Não existe tirania que resista a uma gargalhada que dê três voltas em torno dela.” (Apud SUASSUNA, 2013)

Uma de suas personagens extraordinárias é Chicó, o arquétipo do mentiroso que não mente por maldade, porque a sua é a “mentira de Deus”, que não prejudica ninguém, mas o faz para tornar essa vida mais leve, menos enfadonha. A terra é árida, mas a alma é verde. É o dom que o nordestino tem de numa condição tão adversa, ser alegre, gostar de festejar. Admirava também os doidos, que à margem da sociedade, veem sempre as coisas e os fatos de uma maneira muito original. Suassuna acreditava que essa também é uma característica do escritor verdadeiro, que não indo atrás do lugar comum, procura o que tem de verdade por trás da aparência. Os doidos, os mentirosos e os escritores seriam pessoas que não contentes com o universo cotidiano “inventam” outro. E numa analogia ao fenômeno literário, assim também se sucede com escritor, sujeito que recria realidades, que conta o que poderia ter sido, como definia Aristóteles. Sobre a sua relação com os mentirosos, Ariano Suassuna escreveu: “ De todos, eu fui o único que se tornou profissional, o mentiroso profissional, inventor de histórias. (SUASSUNA, 2001, p.48)

### 3 | UMA LITERATURA PARA O “BRASIL REAL”

**“ Arte para mim não é produto de mercado. Podem me chamar de romântico. Arte para mim é missão, vocação e festa.” (Ariano Suassuna)**

A obra literária de Ariano Suassuna foi tecida a partir das tradições populares do Nordeste e da dramaturgia universal, em autores como Molière, em *O Avaro*; Plauto, em *Aulularia*; Goethe, em *Fausto*; Cervantes, em *Dom Quixote de La Mancha* e tantos outros, pelo viés da perspectiva temática da comédia, baseada no herói picaresco da Literatura ibérica de origem popular, mas alicerçada na cultura do agreste do Brasil, com seus tipos: o mentiroso, o trapaceiro, o bêbado, o doido e o palhaço, que darão origem ao “quengo” (uma recriação sertaneja do herói picaresco, de tradição ibérica)

Ariano citou, como sendo de grande relevância para a formação, tanto da Cultura como da Literatura brasileira, a Literatura portuguesa da Idade Média, com

a sua novela de cavalaria, e também a novela picaresca, principal manifestação da Literatura da Renascença. Numa de suas grandes matrizes, a obra de Cervantes, percebeu a convergência das duas vertentes: Dom Quixote, um aristocrata, como os heróis das novelas de cavalaria e Sancho Pança, um personagem popular da novela picaresca. Na primeira, há a presença do religioso e do fantástico; na segunda, onde aparece a figura do “pícaro”, emerge o realismo e tal tipo de narrativa poderia perfeitamente se passar no Sertão do Brasil, onde há o folheto de cordel, que segundo Suassuna é a Literatura do povo do “Brasil real”, que também evidencia o “pícaro”, porém com outra denominação: o “quengo”, que no linguajar do sertanejo é cabeça. E os personagens astuciosos, que provocam o riso e também a comoção, são chamados de “quengos”, porque são espertos, de “cabeça boa” para armar presepadas e enganar os outros. No entanto, todas as artimanhas desses personagens têm como objetivo conseguir a “comida do dia”. Sobre “pícaros” e “quengos”, Suassuna afirmava que o ser humano é o mesmo em todo o canto do mundo. Ele pode até se expressar de modo diferente, mas é o mesmo ser humano.

Levando adiante seu objetivo de valorizar o povo do Sertão brasileiro e a sua cultura, Ariano Suassuna baseou-se na citação do escritor Machado de Assis, que para ele teve a importância de uma revelação e segundo a qual no Brasil haveria dois países: O “Brasil oficial”, país dos privilegiados, dos poderosos, e o “Brasil real”, que era o dos pobres, dos desvalidos. O “Brasil real” seria bom, revelando os melhores instintos, mas o “Brasil oficial” seria caricato e burlesco. Ariano se dizia “Nascido, criado, formado e deformado pelo “Brasil oficial”, mas que era alguém que entendia o “Brasil real”. E citava a obra “Os Sertões”, do escritor pré-modernista Euclides da Cunha, para ilustrar o que seria esse segundo Brasil: “Quem não entende Canudos, não entende o Brasil.”(SUASSUNA, 2013)

Ao estudarmos a obra de Suassuna, devemos associá-la a um vasto campo epistemológico, uma vez que suas peças e romances descrevem o mundo natural e social do “Brasil real”, explicando e predizendo a realidade do povo brasileiro, integrando o que Dostoiévski chamou de “O Quarto Estado”, que é essa enorme maioria de analfabetos e semialfabetizados que representam uma parte significativa da população brasileira. A intenção de Ariano Suassuna era, como dramaturgo, romancista e poeta, levar em conta esse “Quarto Estado”, para conseguir assim a criação de uma arte que fosse capaz de apresentar um caminho através do qual a nação brasileira se plasmasse com uma nação verdadeira, que não abrindo mão de sua cultura, valorizasse a sua identidade.

Ariano Suassuna declarou não inventar e sim copiar as coisas ditas pelo povo brasileiro. Para escrever *O Auto da Compadecida*, por exemplo, baseou-se em narrativas populares como *O Enterro do cachorro*, *O Cavalo que defecava dinheiro* e *O Castigo da soberba*. A sua obra cômica revela assim o caráter da intertextualidade,

que ocorre pela apresentação de um novo modo de leitura e reescrita.

“Por trás da festa do povo brasileiro e por trás da festa que conseqüentemente aparece nos meus livros, existe uma reivindicação ética e política inclusive, tá certo?” (SUASSUNA, 2005) O dramaturgo e professor declarava em suas palestras pelo país, que muitos criticam o povo brasileiro por gastar o que não tem, para se enfeitar, por três dias, com as vestimentas das festas populares, mas ele dizia que tal costume configurava uma prova de grandeza e generosidade do nosso povo. Que tal atitude seria um protesto do sonho contra a injustiça. A luta pelo direito a uma vida digna e justa.

#### 4 | UMA PRÁTICA EDUCATIVA IDEAL PARA O “BRASIL REAL”

De acordo com o artista plástico, diretor de arte e cenógrafo Manuel Dantas Suassuna, filho do escritor, o amor pela docência e a descoberta desta vocação surgiu ainda na infância do pai, em Taperoá, quando ele fazia o primário, pelo antigo sistema de seriado, ou seja, todos os alunos numa única classe. Suassuna, apesar de ser um dos mais novos, era o monitor, e quando o professor Emídio precisava ausentar-se, o menino Ariano assumia a turma e ensinava aos colegas. Era o sertão da Paraíba, num tempo de seca muito intensa, um contexto onde havia muita desigualdade social. Ali era uma parte daquele que mais tarde, após conhecer os escritos machadianos, ele saberia chamar-se “Brasil real”, longe do mar e das atenções do governo. Um dia, Suassuna passou a reparar em três irmãos, seus colegas de classe, que tinham muitas dificuldades no aprendizado e na hora do recreio, nem brincavam, nem merendavam. Ariano Suassuna descobriu que eles eram muito pobres e passou então a dividir o seu lanche com os três meninos. Mais tarde ficou sabendo que aquela era a única refeição que às vezes eles tinham no dia. E segundo Manuel Dantas Suassuna, décadas depois, o pai ainda lamentava com tristeza: “- Eu podia ter dito a minha mãe, que botasse mais pão. Teria sido melhor.”

Formado em direito, não encontrou na advocacia, uma carreira de prestígio, em seus tempos, a sua realização profissional e em 1956, finalmente ingressou, paralelo ao seu processo de escrita, naquela que seria sua verdadeira vocação, o magistério, tornando-se o professor Ariano Suassuna, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), lecionando a disciplina *Estética*, até 1973. “ – Professor... era como o meu pai gostava de ser chamado.” Relata o seu filho Dantas. Na época, a instituição chamava-se Universidade do Recife. Mais tarde, escreveria a obra *Iniciação à Estética*, considerada por ele “uma espécie de prestação de contas do seu trabalho como professor da disciplina.” O texto começou a ser escrito na década de 1950, no início de sua docência, porque havia no mercado editorial brasileiro uma escassez de livros sobre o assunto, e Suassuna redigiu um manual

sobre a matéria, com este título, distribuído aos alunos em cópias mimeografadas, até ser publicado pela editora universitária da UFPE, pela primeira vez, em 1975. Atualmente, encontra-se na décima edição.

Entretanto, de acordo com o professor Carlos Newton Júnior, da UFPE, numa prestação de contas mais ampla, teríamos que também considerar, além das aulas e orientações do professor Suassuna, a sua produção no campo do ensaio – artigos, estudos, capítulos de livros e prefácios, que o próprio Suassuna considerava como extensão natural do seu trabalho docente.

Além dessa cadeira, ministrou outras disciplinas, tanto na graduação quanto na pós-graduação da UFPE, no campo do Teatro, Literatura e das artes, em geral, como Teoria do Teatro, Literatura brasileira e História da Cultura brasileira.

A maior preocupação do professor Ariano Suassuna, inserindo o universo literário na vida escolar e social dos seus alunos, era capacitá-los para a vida em sociedade, munidos de consciência crítica. “O papel da educação é promover mudanças qualitativas no desenvolvimento e na aprendizagem das pessoas, visando ajudá-las a se constituírem como sujeitos, a melhorar sua capacidade de ação e as suas competências para viver e agir na comunidade e na sociedade.” (LIBÂNEO, 2006) Essa era a prática do mestre Suassuna. Contra a desigualdade social, sua ação política não era partidária, mas ideológica.

Ainda de acordo com o professor Carlos Newton Júnior, em *Ariano Suassuna: professor e ensaísta*, prefácio da obra *Iniciação à Estética*, o escritor e professor, no cotidiano de sua prática docente, aliava ao seu preparo intelectual, a humildade, a generosidade e uma visível paixão pela sala de aula. Por conta disso, suas aulas na UFPE eram concorridíssimas, com os seus alunos regulares disputando espaço com alunos ouvintes e até com outros que já haviam concluído as disciplinas mas tinham prazer de estarem presentes. Em suas aulas, não havia necessidade da realização de chamadas para computar assiduidade.

Em 1975, foi secretário de educação e cultura de Recife, mas em 1978, antes do final do mandato, pediu exoneração do cargo. No documento encaminhado ao prefeito Antônio Arruda de Farias, Ariano Suassuna explica os motivos que o levaram ao pedido, “Minha saída da SEC da Prefeitura Municipal de Recife deve-se a vários motivos, entre os quais o principal é a necessidade interior irresistível de voltar à minha vida de apenas professor e escritor, aquela que representa minha verdadeira vocação.” (SUASSUNA, 1978)

Mesmo fora da sala de aula, durante seus mandatos como secretário de governo e após a aposentadoria em 1989, manteria o enfoque da valorização do ensino.

Paralelamente a sua docência, desenvolveu vários projetos culturais. Em 1970, surgia o “Movimento armorial”, cujo objetivo era criar uma arte erudita a partir dos elementos da cultura popular do Nordeste e abrangia todas as formas de expressões

artísticas, como música, dança, literatura, tapeçaria, artes plásticas, teatro, cinema, arquitetura, etc. O movimento iniciou-se na UFPE, sob a inspiração e direção de Suassuna, com o apoio do Departamento de Extensão Cultural da Pró-Reitoria para assuntos comunitários da universidade e mais tarde, recebeu o apoio da Prefeitura do Recife e da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco.

Enquanto secretário estadual de cultura, na década de 1990, elaborou e coordenou as aulas-espetáculo, eventos organizados com muitos elementos icnográficos e musicais da estética armorial, que continuaram até o fim de sua vida. Ariano Suassuna percorria, com a sua equipe, os teatros, as escolas, as universidades e centros culturais por todo o país. Segundo ele, havia três tipos de aulas-espetáculo: a completa (acompanhado por músicos e dançarinos), a reduzida (apenas acompanhado pelo músico Antônio José Madureira), e a reduzidíssima (quando Suassuna assumia sozinho palco e plateia). Tudo era feito no improviso, sem texto pronto, com o “picadeiro” iluminado por sua genialidade. Era sempre um momento de festa porque a grande questão era “discutir a situação da Cultura brasileira”, um olhar sobre a identidade cultural do Brasil, com suas matrizes indígenas, portuguesas e africanas, através da música e da dança.

Ainda enquanto secretário de cultura do Estado, no governo de Miguel Arraes, surgiria o projeto “A Onça malhada, a Favela e o Arraial”, com o qual Suassuna e sua equipe de artistas percorriam as periferias brasileiras e o sertão, convidando o povo simples do “Brasil real” para assistir aos espetáculos de música, dança e teatro. A onça era na realidade uma metáfora do povo brasileiro, mestiço em sua etnia e por conseguinte, em sua cultura. Segundo uma inferência de Suassuna, o Arraial de Canudos, do final do Século XIX tinha nos tempos atuais os seus equivalentes urbanos nas favelas das grandes cidades brasileiras. “Quando vejo a polícia cercando uma favela, vejo o cerco a Canudos. Ali está o “Brasil real.” (SUASSUNA, 2007)

Na Secretaria de cultura de Pernambuco, Ariano Suassuna também inaugurou vários “anfiteatros” pelas periferias, conhecidos por “ilumiaras”, onde o povo podia realizar suas manifestações culturais como o frevo, o maracatu, o cavalo-marinho e outros folguedos. A primeira a ser inaugurada foi a “Ilumiara Zumbi”, em 1995, localizada no bairro olindense de Cidade tabajara. Durante o carnaval, ali se apresentam as agremiações do maracatu, como a “Piaba de ouro”.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A palavra-chave da produção literária e docente de Suassuna é “resiliência”, nomenclatura tão pertinente à realidade das práticas educativas das escolas públicas de nosso país, onde os seus atores sociais (professores e alunos), de norte a sul do

Brasil, diariamente retornam às unidades escolares, imbuídos pela “pedagogia da esperança”, que fortalece os seus sonhos, transformando-os em projetos, práticas e realizações, apesar das situações de desigualdade do contexto sócio-político.

A grande relevância de décadas de sala de aula e dos projetos culturais de Ariano Suassuna foi a compreensão do “Brasil real” pelo “Brasil oficial”. Seria impossível valorizar o Brasil, sem valorizar seu povo do sertão, das periferias e das favelas, sem oferecer-lhes uma educação e uma cultura de qualidade. Justifica-se, portanto, refletirmos sobre o professor Ariano Suassuna, um sujeito social, que interligou o universo das letras com o da docência, pelo viés do comprometimento da arte e do povo. O seu legado, fundamentado e posto em prática a serviço da educação e da cultura, é de grande relevância para a história da Educação brasileira, “tá certo?”

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **A Poética**. Trad. Eudoro de Souza. Porto Alegre: Globo, 1966.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. 7ª edição. São Paulo: Hucitec, 2010.

\_\_\_\_\_. **Problemas da Poética e Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BARROS, Leandro Gomes de. **O cavalo que defecava dinheiro**. Campina Grande: Cordelaria Poeta Manoel Monteiro, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora Ltda. 2005.

BOSI, Alfredo. **Cultura brasileira e culturas brasileiras**. In: Dialética da colonização. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

CABRAL, Tomé. **Novo dicionário de termos e expressões populares**. Fortaleza: Editora da UFC, 1982.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**. São Paulo: Ática, 1986.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral do Brasil**. 2ª edição. São Paulo: Global Editora, 2006.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões (Campanha de Canudos)** São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. **Educação e desenvolvimento no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais, 1960.

RABETTI, Beti. **Teatro e comicitàdes: estudos sobre Ariano Suassuna e outros ensaios**/Beti Rabetti(org.) – Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ROMERO, Sílvio. **Folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954, 3 volumes.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e . **Teoria da Literatura**. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

SUASSUNA, Ariano. **A pena e a lei**. Rio de Janeiro: Agir, 4ª ed. 1979.

\_\_\_\_\_. **Aula-espetáculo**, disponível no site [www.cultura.df.gov.br](http://www.cultura.df.gov.br), acesso em 02/09/2014.

\_\_\_\_\_. **Auto da compadecida**. Rio de Janeiro: Agir, 1985.

\_\_\_\_\_. **Farsa da boa preguiça**. Rio de Janeiro: José Olympio, 11ª ed. 2014.

\_\_\_\_\_. **Iniciação à Estética**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

\_\_\_\_\_. **O casamento suspeito**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.

\_\_\_\_\_. **O santo e a porca**. Rio de Janeiro: José Olympio, 8ª ed. 1989.

\_\_\_\_\_. **Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do vai-e-volta**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

VASSALO, Ligia. **O sertão medieval: origens europeias do teatro de Ariano Suassuna**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

VICTOR, Adriana. **Ariano Suassuna: um perfil biográfico**/ Adriana Victor, Juliana Lins. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2007.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Ariano suassuna 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164  
Armando de salles oliveira 180, 181, 182, 183, 184, 186, 188, 190, 192  
Arte sacra 246, 253, 255  
Assentamento 337, 351, 353, 354, 355, 356, 358, 359, 360, 361, 362

### B

Bíblia 211, 215, 284, 286, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297  
Biografia 166, 178, 200, 219, 233, 235, 241, 243, 244, 299, 330, 331, 332

### C

Consciência histórica 19, 47, 50, 51, 106, 108, 109, 110, 115, 117, 134, 135, 138, 166, 172, 173  
Contestado 131, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 139, 140  
Cotas 181, 182, 190, 191, 194, 195, 196, 197, 198, 202, 203, 205, 206  
Cultura 7, 10, 12, 14, 15, 16, 18, 19, 22, 24, 26, 29, 30, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 51, 55, 56, 61, 69, 72, 73, 75, 76, 77, 79, 81, 82, 83, 84, 86, 88, 89, 90, 93, 95, 103, 115, 118, 119, 120, 121, 122, 130, 143, 147, 148, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 164, 172, 174, 181, 184, 185, 187, 190, 192, 194, 196, 202, 203, 204, 216, 220, 236, 245, 261, 270, 277, 280, 281, 289, 290, 297, 299, 306, 307, 320, 321, 322, 323, 326, 328, 329, 343, 344, 351, 353, 357, 358, 360, 361, 362, 363, 366, 368, 369, 371, 374, 375, 376  
Cultura política 270, 299, 306, 307, 351, 353, 357, 358, 360, 361, 362, 376  
Currículo 14, 15, 16, 17, 18, 20, 22, 23, 37, 43, 47, 49, 53, 56, 57, 58, 60, 63, 64, 67, 68, 77, 79, 80, 96, 104, 107, 111, 120, 121, 122, 194

### D

Diocese 102, 246, 251, 253, 255, 256, 258, 259, 264, 266, 269, 270  
Discurso 4, 5, 15, 24, 31, 49, 78, 102, 124, 128, 129, 153, 155, 180, 183, 186, 187, 233, 238, 239, 241, 243, 255, 256, 274, 284, 285, 286, 287, 288, 290, 291, 292, 293, 294, 296, 297, 300, 302, 303, 304, 305, 306, 314, 315, 317, 375

### E

Educação infantil 69, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 107, 206  
Educação patrimonial 80, 83, 89, 90, 91, 92, 93, 332  
Egito 156, 308, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 318, 319  
Ensino das ciências 53, 54, 58, 62, 67  
Ensino de história 1, 2, 12, 15, 19, 24, 37, 39, 44, 49, 51, 68, 91, 92, 99, 103, 106, 108, 117, 118, 119, 124, 129, 130, 153, 171, 172, 177, 179  
Ensino fundamental 14, 15, 16, 21, 44, 70, 75, 93, 102, 104, 107, 118, 120, 123, 128, 129, 130, 132, 138, 139  
Ensino médio 75, 123, 131, 136, 138, 139, 141, 142, 143, 152  
Escravidão 5, 7, 9, 31, 43, 138, 141, 142, 143, 145, 146, 148, 151, 152, 153, 201, 346, 376  
Etnografia 47, 216, 332

## F

Folclore 14, 164, 321, 322, 328

Formação de professores 54, 55, 68, 76, 79, 106, 107, 108, 109, 178, 179

## H

Hagiografia 214, 233, 236

História da educação 54, 68, 130, 165, 166, 171, 172, 174, 175, 177, 179, 192, 194

História indígena 35, 37, 40, 42, 44, 48, 49, 50, 51

## I

Igreja 87, 92, 100, 148, 199, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 221, 222, 223, 224, 225, 227, 228, 229, 230, 231, 237, 239, 240, 241, 243, 246, 247, 248, 250, 251, 252, 254, 257, 258, 260, 261, 263, 264, 265, 266, 268, 270, 274, 276, 282, 289, 290, 291, 292, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 305, 306, 307, 322, 343, 347

Interdisciplinaridade 19, 141, 142, 145, 146, 148, 149, 150, 152, 153, 178

Iphan 90, 105, 330, 331, 332, 335, 336, 337, 338, 339

## J

José de anchieta 225, 229, 232, 233, 234, 235, 239, 240, 241, 242, 244

## L

Lei federal 14, 69, 70, 72, 78

Leitura 1, 2, 3, 24, 29, 62, 113, 114, 115, 118, 119, 125, 127, 128, 156, 160, 174, 231, 268, 272, 277, 282, 284, 286, 290, 291, 292, 293, 294, 297, 306, 340, 345, 360

Livros didáticos 37, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 59, 63, 66, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 138, 140, 141, 142, 146

## M

Manaus 26, 35, 36, 258, 259, 264, 265, 266, 267, 269, 270, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375

Mártir 43, 208, 209, 214, 216, 217, 218, 219, 263

Memória 1, 2, 10, 13, 14, 24, 26, 28, 33, 34, 35, 36, 42, 50, 51, 52, 80, 81, 83, 84, 86, 87, 88, 90, 93, 96, 97, 100, 101, 102, 103, 105, 112, 124, 130, 131, 132, 133, 136, 139, 140, 141, 151, 152, 155, 167, 172, 179, 219, 228, 231, 235, 237, 276, 300, 307, 308, 310, 318, 319, 331, 362, 371, 376

Murais 18, 246, 247, 248, 253, 256, 257

## N

Negritude 1

## O

Ordens religiosas 236, 237, 240, 243, 271, 272, 273, 274, 278, 279, 280, 281, 282, 283

## P

Paraíba 91, 92, 93, 94, 97, 98, 99, 101, 104, 156, 160, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 305, 306, 307, 308  
Patrimônio cultural 80, 86, 87, 91, 92, 93, 94, 95, 103, 104, 256, 330, 332, 338  
Patrimônio histórico 80, 83, 87, 89, 90, 330, 335  
Paulo bourroul 53, 54, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67  
Pensamento educacional 154  
Pensamento social brasileiro 321, 326, 328  
Pinturas históricas 118, 120, 123, 124, 125, 127, 128, 129  
Política 14, 17, 21, 23, 36, 42, 48, 49, 56, 59, 68, 80, 105, 119, 121, 122, 129, 135, 155, 156, 160, 161, 171, 174, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 197, 199, 202, 205, 206, 207, 233, 240, 241, 242, 243, 247, 261, 270, 285, 288, 289, 291, 298, 299, 302, 304, 305, 306, 307, 312, 313, 314, 320, 325, 335, 340, 342, 343, 344, 349, 351, 353, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 373, 374, 376  
Políticas afirmativas 21, 22, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206  
Porto seguro 103, 126, 128, 221, 222, 223, 226, 227, 228, 229, 230, 231  
Portugal 97, 178, 208, 214, 219, 223, 227, 229, 232, 245, 269, 271, 272, 274, 281, 282, 283, 323, 324, 325, 340, 341, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350  
Profhistória 37, 91

## R

Rap 363, 364, 365, 366, 369, 370, 371, 373, 374, 375  
Religião 5, 19, 73, 102, 175, 209, 210, 212, 215, 245, 264, 265, 272, 274, 282, 298, 302, 303, 313

## S

Sala de aula 2, 12, 14, 20, 22, 40, 45, 49, 65, 91, 93, 95, 109, 118, 121, 123, 124, 125, 128, 129, 131, 133, 134, 136, 139, 161, 163, 168, 176, 177, 339  
Santo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 100, 101, 102, 118, 164, 208, 209, 210, 212, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 224, 225, 226, 228, 230, 231, 236, 239, 244, 248, 251, 252, 259, 276, 277, 281, 301, 343, 371

## T

Teatro 19, 51, 87, 154, 156, 157, 161, 162, 163, 164, 180, 183, 262, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 348, 349, 350, 369

## U

Universidades 39, 162, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 192, 194, 196, 197, 198, 200, 205, 285, 305

## Z

Zumbi dos palmares 87, 351, 353, 354, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**